Sobre as práticas interdisciplinares junto ao desenvolvimento infantil

A maneira de compreender o desenvolvimento humano tem mudado de forma significativa, tanto entre os profissionais da saúde, como da educação. Se antes as mudanças observadas eram explicadas, em sua maior parte, por fatores individuais, hoje, a maioria dos profissionais já consegue articular todas essas mudanças aos mais diversos contextos em que o sujeito se insere e interage¹.

Vamos pensar num exemplo prático: os avanços científicos não nos permitem mais analisar o desenvolvimento da linguagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), comparando-o com o de uma criança que não possui tal perfil. E, portanto, também não podemos planejar intervenções para essa criança, seguindo padrões estabelecidos para o processo de desenvolvimento. Aliás, são estes padrões que têm desafiado, constantemente, os pesquisadores. E em razão desses desafios é que muitos pesquisadores têm pensado de maneira diferente, numa tentativa de não estabelecer padrões. Embora pareça uma situação simples, todos estes pensamentos também ainda estão em expansão, inclusive na formação dos profissionais.

Essas reflexões e os avanços que elas possibilitam em relação à atenção à saúde e à educação das pessoas ocorrem mais rapidamente nos países desenvolvidos. Prova disso, é que somente agora algumas profissões da área de saúde estão observando a necessidade de reverem suas práticas em ambientes clínicos e não clínicos. Por estas e outras razões, faz-se cada vez mais necessário, discutir sobre as práticas interdisciplinares voltadas ao desenvolvimento humano e, especialmente, ao desenvolvimento infantil².

JÁIMA PINHEIRO DE OLIVEIRA¹

¹Fonoaudióloga; Pós-Doutora e Doutora em Educação; Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Marília, SP. Contato: jaima@marilia.unesp.br

Recebido em: 05/03/2015
Revisado em: 17/03/2015
Aceito em: 27/03/2015

Essas ações podem se tornar mais ou menos complexas, a depender dessa forma de pensar sobre o processo de formação e desenvolvimento humano, independentemente do ambiente de atuação profissional.

Nesse sentido, gostaria de reforçar aqui o conceito de promoção de saúde. Promover a saúde implica conhecer as necessidades da população abrangida, levando em conta fatores macro e microcontextuais. Essa atuação não deve se restringir ao controle de fatores etiológicos, mas também, priorizar a elaboração de estratégias de ação voltadas ao coletivo. Além disso, o objetivo não deve ser o de tornar a população dependente dos profissionais, mas sim, de lhe dar autonomia para que ela possa promover, por si só, a sua saúde e compreender tal processo³. Pensamos que a atuação pautada nestes conceitos deverá oferecer subsídios para o aproveitamento do potencial humano, gerando condições essenciais que propiciam, por sua vez, um desenvolvimento verdadeiramente satisfatório.

As pesquisas atuais indicam alguns trabalhos promissores em relação ao foco interdisciplinar de trabalho em saúde e educação, e uma preocupação maior com o processo de desenvolvimento infantil. Precisamos reforçar, no entanto, que o trabalho interdisciplinar envolve estudos acerca do significado e da pertinência das colaborações entre as disciplinas. Isso deve ser levado em consideração, em prol de um novo conhecimento capaz de avançar aspectos da própria formação humana e que haja deslocamentos dos campos dos diversos saberes no sentido da construção de um saber essencialmente interdisciplinar. Isso possibilitará, com certeza, um diálogo mais fluido entre profissionais das mais distintas áreas de atuação.

Referências

1. Brasil. Educação Inclusiva: fundamentação filosófica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

2. Figueiras ACM, Puccini RF, Silva EMK, Pedromônico MRM. Avaliação das práticas e conhecimentos de profissionais da atenção primária à saúde sobre vigilância do desenvolvimento infantil. Cad Saúde Pública. 2003 nov/dez; 19(6):1691-99.

3. SOUZA EM, GRUNDY E. Promoção da saúde, epidemiologia social e capital social: inter-relações e perspectivas para a saúde pública. Cad Saúde Pública. 2004 set/out; 20(5):1354-60.